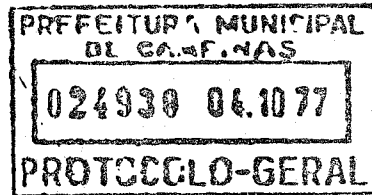


Academia Campineira de Letras e Artes ANPV 1.2731



Campinas, 6 de setembro de 1977.

Ilmo. sr. dr. Francisco Amara D.D. Prefeito Municipal.

Campinas.-

Muito particularmente e como admirador e muito amigo de ilustrado Chefe da Comuna de Campinas, venho lembrá-lo de que seria muito simpático para imprensa, no ^{centenário} centenario da Associação Campineira de Imprensa e no Dia da Imprensa, que ocorre dia 10 deste, dar os nomes de ruas a: a) Antônio Franco Cardoso, fundador do Diário de Povo; b) Alberto Ulysses Sarmento Sobrinho, jornalista da antiga Gazeta de Campinas; c) dr. João Marcílio, grande jornalista, antigo redator do Diário de Povo e Gazeta de Campinas e fundador da primeira Escola de Aviação Civil, no BRASIL; d) Heitor Barbosa, esposo de dona Josefina Sarmento, antigo redator da Gazeta de Campinas; e) José Gonçalves Pinheiro, grande jornalista que militou na antiga imprensa da cidade; g) Francisco Gaspar da Silva, jornalista português e que aqui morou durante muitos anos, fundador da Gazeta de Comércio; h) Alfredo de Almeida, que dirigiu a Opinião Liberal i) Francisco Antônio de Arujo, que dirigiu o segundo jornal publicado em nossa cidade, e

Uma sugestão que, quase idêntica à homenagem prestada aos antigos diretores do Instituto Agrônomico daria ensejo a que a imprensa, que lhe tem sido tão adversa, saiba que v. excia. tem seu espirito voltado para as grandes figuras da imprensa campineira.

Atenciosamente

Joluná Britto (João Baptista de Sá)

PODER EXECUTIVO

DECRETO N.º 5278 DE 25 DE NOVEMBRO DE 1977

Dá denominação a Praça e Vias Públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9 de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada "Praça Heitor Barbosa", a Praça sem denominação do Jardim do Trevo, situada entre as ruas Dr. Alves do Banho, Rua Ribeirão Branco e Rua Ribeirão Preto.

Artigo 2.º — Fica denominada "Rua Francisco Gaspar da Silva", a Rua Circular do Jardim Eulina, com início e término na Av. Marechal Rondon.

Artigo 3.º — Fica denominada "Rua Alfredo de Almeida", a rua do Balão do Jardim Eulina, com início e término na Av. Marechal Rondon, circundando parte do quarteirão 3234.

Artigo 4.º — Fica denominada "Rua José Gonçalves Pinheiro",

a rua 6 do Jardim Eulina, com início na rua Hermelindo Argenton e término na Av. Marechal Rondon.

Artigo 5.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 25 de novembro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL

Prefeito do Município de Campinas

DR. RALPH TORTIMA STETTINGER

Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO

Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos — Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica —, com os elementos constantes do protocolo n.º 24.930, de 4 de outubro de 1977, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 25 de novembro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE

Chefe do Gabinete do Prefeito.





O anoitecer da imprensa romântica em Campinas

(Conferência proferida pelo jornalista

JULIO MARIANO

Dia 30 último, no Municipal, quando a Organização Artística Prata da Casa prestou homenagem a cinco veteranos integrantes da imprensa local

ca em Campinas

A imprensa amanheceu romântica, em a provinciana Campinas.

Despontando em o histórico 4 de abril de 1858, quando de muito uso nas letras em prosa versos do Brasil-Imperio aquê dellescos, mas já excessivamente gastos habados românticos, de moda em declínio em a velha Europa, o Jornal — "Aurora Campineira" — dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva, era folha que se idealizara e se plasmaria sob a influência de gosto, costumes e credo espiritual em predomínio na época ou meio ambiente.

Gazeta romântica desde a legenda feita cabeçalho — "Aurora" —, que rememorando os primórdios da imprensa fluminense em jubileu, também diz da doce e brilhante claridade que precede o nascimento do sol, dos ruidosos e festivos clarins da alvorada, que no canto épico de Leopara é o instante em que volte a verdade a terra e se afastam as vans imagens, a luz, no entanto, derramada das quatro páginas e colunas pobres do pequeno jornal, em verdade não seria mais que bruxoleante chama de candela, a tentar espaldar sombras de incultura e preconceito, na cidade ainda quase burgo, que se formara e se espalrara nas paragens do antigo sítio "Campinho".

Essa, realmente a verdade sobre o clarão da "Aurora Campineira", como folha do amanhecer de nossa imprensa. Mas, para João Teodoro, tipógrafo letrado que a imaginou, fundou e redigiu, manelando, com desembaraço e dastemor a pena de pato, seria como que uma explosão de luz em o escuro de ignorância e superstição do meio por demais provinciano, fora lançada à publicidade como tribuna de liberalismo, inteiramente devotada à causa do povo, órgão capaz de rebeldia ante os mandões da terra. E tudo isso, considerando o tempo, cultura, engatinhamento em progresso da evolução social, era romantismo puro!

Antes do mais, tentemos definir esse romantismo, para que não aconteça ser tomado em o sentido mais vulgar do vocábulo, fazendo crer em algo semelhante aos suspiros à luz, por entre quadrinhas chorosas, dos passados cantores gadalhudos, serestrelas de madrigais.

No-jornalismo, ou na literatura propriamente dita, assim como nas demais belas artes — a música, pintura, escultura, arquitetura — são evidentes certos característicos de forma, de idealização, de gosto, identificando este ou aquele grupo de filiados à mesma arte, resultando daí a classificação das escolas, que as possuímos inúmeras, sendo, porém em o trato, mais familiares, o clássico, o romântico o moderno, o futurista ou o existencialista. Em se referindo ao romantismo, nos o compreendemos, aqui, na interpretação que lhe dá, em Piere Lasserre, Revolução espiritual,

foi o romantismo uma desordem que abrangem os sentimentos e as idéias, uma insurreição do instinto contra a razão. Tem, assim, um significado mais amplo que simples moda literária ou corrente artística. Abrangendo a política, no campo das idéias, com derramado humanitarismo pretende interterir nas leis e chocar-se, não raro, com a autoridade constituída. Para o romântico, a boa política seria o domínio de fatos individuais, sujeitos ao acaso ou aos arcanos da história, e insubmissos a qualquer princípio de regularidade. Revolucionário anárquico, de origem em Jean Jacques Rousseau, o romantismo investe contra as regras abstratas, contra o convencionalismo e o arbitrário das ingerências governamentais. Quando se nos oferece aparentemente reacionário, com o católico Chateaubriand, nem por isso deixa de ser, filho espiritual do mesmo Rousseau, opondo-se a aliança selada entre a burocracia e o despotismo, se identificando com o revolucionário no campo social.

Em resumo: com a tendência de conferir aos sentimentos, e não à inteligência, o direito de supremo guia da vida, quer para o indivíduo, quer para sociedade, o romântico, quando não mergulha em pessimismo lírico, doentio, descrendo de tudo e de todos, arquiteta para a própria existência um poema épico de lutas e rebeldia, feito cavaleiro andante de passadas eras, um vô, de lança em riste, a esgrimir contra todos os poderosos, desbaratando-os, vencendo-os, para a exaltação final dos fracos e humildes. Assim, o romântico despreza o pacote burguês. E o burguês, do ciclo do romantismo, na definição de Theophile Gautier, "era mais ou menos todo o mundo, os banqueiros, os corretores de câmbio, os tabelhões, os negociantes, os farmacêuticos, quem quer que participasse do misterioso cenáculo e ganhasse prosaicamente a vida".

Tornemos, porém, a João Teodoro de Siqueira e Silva e seu modesto hebdomadário — "Aurora Campineira".

Jornalista tipógrafo, sem o canudo de bacharel de um Hipólito José da Costa, João Teodoro, de natural avêsse as barretadas a governos e governantes, tão somente se deixara apaixonar pelos princípios liberais, divulgados pelas seitas maçônicas, esparramadas, na época, por ai tudo da provincia. Evocado à distância de um século, em perfil de largas e esfumadas pineladas, o pioneiro da imprensa, na "Princesa D'Oeste", se nos apresenta rematando os próprios artigos nos calvotins poeirentos de antônio, frelando o vôo larzo das arrojadas idéias, para que melhor as pudesse conter. Ajeitar em períodos, com os caracteres tipográficos em viagem um a um, da calveta sulita ao connoedor.

Revelado o tipógrafo a ninzeum é dado estranhar este-

mor e bellicosidade em João Teodoro, que andou as turras, aos trancos, por causa do jornal, molestado-se intimidando-se até ao ódio, com a gente grávida da terrinha, inclusa uma autoridade de alto porte como o meritíssimo juiz da Comarca, O tipógrafo, ou o impressor, de antanho, quando mesmo arrastando a pretensão ingênua de poder consertar o mundo, nivelar a sociedade a golpes de panfletos ou a explosões de dinamite, era não raro um idealista sincero, brigão pelo que possuía de convicções próprias. Manejando sem ganância de estilo ou esbanjamento de retórica a pena de jornalista, aconfeita descambar a pasquinadas, meter o bebelho em escândalos jamais arredando pé, no entanto, da trincheira de combate à cuja bandeira se engajara. O antigo tipógrafo, na falta de religião que lhe falasse do céu costumava ser devoto a princípios, conceitos amassados no terra a terra, que dissessem de reivindicações sociais.

Homem do povo, gazeteteiro afeitoado à luta, João Teodoro pelejou em época, qua, no dizer de Alberto Faria, era dos "assalariados porretes, moedores e atrevidos", das "venalíssimas garruchas, liquidadoras de temozos". Possivelmente ameaçado de muitas tundas, não se amedrontou. Se houve alguém por estas bandas desejoso de fazê-lo engolir a folha impressa, em a qual se estampasse um de seus artigos mais contundentes, tal violência, muito em uso no interior até quase os nossos dias, com ele João Teodoro não se consumou em fato para o registro das crônicas. Por outro lado, dinheiro algum se lhe meteu na alceibela, para a compra de opinião ou de elogio. Durante os dois anos de vida publicitaria da "Aurora Campineira", arcou o jornalista pioneiro com a trabalhadeira de dirigir, compôr, imprimir e distribuir semanalmente, a folha, aos seus 120 assinantes, que mais não os teve. Quanto aos louros conquistados, se resumem no fato de o jornalista ter aguentado a mão em quinze processos, por delitos de imprensa. Quinze? Talvez catorze. Porquanto em o décimo quinto processo, condenado o gazeteteiro-tipógrafo a sete meses de prisão, a cumprir no "Limozeiro" capoeiro do Largo da Matriz Velha houve por bem fugir e homiztar-se em fazenda agrícola de amigo.

Com isto veio a ruir, em 1869 aquela primeira tenda jornalística da velha Campinas desiludindo-se João Teodoro de seu romantismo épico e gazeteteiro, quebrando de vez a pena de pato com a qual esgrimia nos editoriais, fazendo-se macaco humano, homem de negócios, a aceitar encomendas em sua tipografia de impressos puramente comerciais.

Melancoico capitão do amannecer da imprensa campineira cujo lumino o de aurora colorido bonito de alvorada, uma simples nuvem do poder burguês, materialista e utilit-

rio a seu modo, apagou, chumbando o céu da "Princesa D'Oeste" durante anos e anos que se seguram ao episódio de João Teodoro. Mas o jornal, que na expressão do bispo castelhano Dom Lopez Palaez, são folhas desprendidas da arvore da Ciência, que por um instante sobem, remoinham ao sopro da tormenta, para depois tombar ao solo e confundir-se em o po do esquecimento, o jornal retornaria a Campinas, animado por empresas mais sólidas, ficando estas mais fundas que se alastraram em raízes, criando, assim em definitivo, a era da imprensa na cidade imperial.

Esse meio dia da imprensa campineira foi todo ele, ainda, gloriosa aventura de gazeteteiros românticos.

Precisamente a 31 de outubro de 1865, surgiu à luz a "Gazeta de Campinas", cujo fundador e primeiro redator-chefe se sagrara poeta com a publicação das "Estrelas errantes", e reuniu em sua tenda de trabalho para o gazetismo bi-semanário alguns mocos imbuídos de sonhos literários, entre os quais o também poeta de merecimento, João Quirino, Jorge Miranda, Campos Sales e Jose Bonifácio do Amaral. Lançado o jornal sob bons auspícios, não tardou muito para que em a redação da rua De Saixo, esquina da rua Formosa (Doutor Quirino e Conceição de hoje), a poesia se consorciasse a política, política de mocos, é de ver agitando em meio ao império do sr. Dom Pedro Segundo a idéia de uma república nos moldes da de 93, na Franca. Compreendesse o revolucionismo, romântico dessa "Gazeta de Campinas", também abolicionista, de vez que a "Historia dos Girondinos", de Lamartine, e os inflamos romances de Vitor Hugo, eram devorados no original, pela juventude letrada do interior da Provincia. Foi a literatura romântica francesa, talvez mais que a influência norte-americana, o que alimentou o ideal republicano da hora primeira, entre nós, conquistando desde logo os jovens Campos Sales e Francisco Gilletto, este ultimo antigo aprendiz de tipógrafo na officina gráfica de João Teodoro que abraçado a um violão de serenatas, cantava, ao luar, possivelmente os próprios versos líricos. Adotando a "Marselheza" como himno de guerra, esses republicanos segundo anoiteceram Vianna, "sonhavam utopicamente um governo do povo um governo de opinião, a maneira anglo-saxonia, num país em que a opinião, a maneira anglo-saxonia não existe". "E como não podiam realizar o seu ideal nem compreender exatamente a causa dessa impossibilidade irritaram-se, impacientavam-se, desesperavam-se, e, incapazes, afinal pelo ceitismo acabavam — como se dizia — "perdendo a fe nas instituições". Romantismo puro, atreido nas páginas da "Gazeta", após o massacre de 1870.



Mas Campinas, em a década ... 1870-1880, oferecia já campo propício à imprensa. A política em efervescência, as idéias em choque, as folhas periódicas iam apontando aqui e ali, não importa se para o florescer de um dia como as rosas de Melherbe. Não diremos de todos esses jornais, e sim unicamente do "Diário de Campinas", que revelou os Sarmiento e Henrique de Barcelos para a história da imprensa campineira.

Aventura heroica e pitoresca, a que se entregaram juntos, amigos e quase irmãos, os moços Antônio Duarte de Moraes Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Pinheiro. Isto, antes dos idos de março de 1874. Não eram acadêmicos e nem pertenciam ao círculo de poetas e literatos da "Gazeta", de Quirino dos Santos. Simples ajudante de guarda-livros, o Moraes Sarmiento, e caixeiro de loja de ferragens o Barcelos, faziam ambos boa companhia com o aprendiz de alfaiate Gonçalves Pinheiro. Rapazes burgueses. Filhos de famílias burguesas. A aventura se lhes ofereceu, um dia, com o remate, por Antônio Sarmiento, do antigo prelo caubúlo, da "Aurora Campineira", que se encontrava jogado num galinheiro, fundo de quintal da progenitora dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva. E os três imaginaram, daí, o lançamento de "A Mocidade", cujo lema de combate seria a defesa dos direitos da "classe caixeiral"!

Capital, para início da empresa, não dispunham de nenhum, porquanto a aquisição do prelo, camuflado se ultimou com trezentos mil réis, que Antônio Sarmiento tomara emprestado. O certo, porém, é que se "virando" e se desdobrando os três, em atividade manual e cerebral, partejaram "A Mocidade", que evoluindo em "Atualidade", um ano decorrido, isto é, em 1875, se travestia no másculo "Diário de Campinas", primeiro cotidiano a surgir na imprensa local, para a esplêndida jornada do abolicionismo, além de outras campanhas políticas ou de sentido humanitário.

Belo fruto, colhido da sementelara de romantismo puro.

A velha "Gazeta" e o antigo "Diário de Campinas", são jornais que legaram à geração de gazeteiros do presente século uma tradição épica de lutas e conquistas, no terreno das idéias, mas de minguido metal sonante. O gazeteiro do passado, de memória ilustre, poderia exclamar, orgulhoso, como o esquecido herói do medieval romance de cavalaria:

— "Meus arreis são as armas. Meu descanso, pelejar!"

Para esse gazeteiro, hoje histórico, como certos monumentos ou objetos de museu, o direito de uso ao título — jornalista —, quando se lhe conferia, é porque houvera cavalegado valentemente em o largo terreno das justas, onde as polémicas se travaram violentas e frequentemente também, para as folhas, três ou quatro, de opiniões divergentes entre si, cada qual desfraldando bandeira própria, o combate vivo, cotidiano, era a sua razão de ser.

Ainda no decorrer do primeiro quartel do século vinte, a imprensa local, em sequência ao gazetismo praticado em os remotos dias de João Teodoro, Quirino dos Santos, os Sarmientos e Barcelos, lembrava tudo de romantismo em suas atividades e modo de encarar o mundo, os complexos problemas sociais. Uma imprensa que, permanecendo democrática, nos moldes da Constituição da primeira República, era ciosa da verdadeira liberdade e individualismo, jamais aceitando freio algum à liberdade de opinião, de crítica e de crença, quer em a palavra falada, em praça pública, quer em a palavra escrita do mais rebelde dos pasquins.

Tais liberdades, hoje, como sabemos, facilmente se concedem e facilmente se cercelam. Quando não às claras, mediante providências devidamente camufladas, com o manejo de interesse ocultos.

Sensível aos temas humanitários e populares, respingados de nacionalismo e bairrismo, quase jacotinos, a imprensa, inda de ontem, de prêlios cambúlios composta em caixotins sujos, de um punhado de tipos móveis, sovadíssimos, era por demais lírica em sua crença de que o jornalismo se fizera exclusivamente para o sacerdotado de idéias, juntos às massas, e boêmia de espírito de seus redatores, os homens da madrugada, os cruzados da peleja rude, cotidiana, em prof dos pequenos, dos humildes, os que destemerosamente investiam com a pena rombuda, feito lança, contra os abusos dos coronéis da política e privilégios de senhores da fortuna!

Isto, em nossos dias, além de romantismo puro, é um tanto perigoso para a estabilidade do jornal. Pode constituir crime de agitação, subversão da ordem social vigente, delito mais ou menos semelhante ao que perpetuou Catilina na maldição dos séculos.

Em verdade, outros tempos, outros costumes. Coincidindo o advento da moderna e melhor aparelhada imprensa, em Campinas, com o definitivo anoticeer do jornalismo romântico, tudo teria que ser diferente. Homens e máquinas. Não é mais aventuroso e perigosamente incerto o ser jornalista, quando a profissão se tornou comum e pacatamente burguesa, semelhante, como airta Theophile Gautier, a do banqueiro, do corretor de câmbio, do tabelião, do negociant., do farmacêutico, quem quer, enfim, que ganhe prosaicamente a vida. Na maioria das vezes, os profissionais de nossas gazetas, não mais confinam as próprias atividades com a primeira hora da madrugada. Outros, igualmente chamados "profissionais", ignoram o que seja o interior de uma oficina de jornal.

Em compensação, a classe ilustre, não mais de gazeteiros e sim de jornalistas, devidamente reconhecidos por sindicatos e entidades congêneres, evoluiu extraordinariamente, proliferou asombrosamente! O seu quadro, oportunamente divulgado, ao ensejo das festas centenárias deste abril, bem informa a quantos possa interessar, facilitando as buscas do his-

torlador futuro, que Campinas atual é povoada de uns quatrocentos ou quinhentos jornalistas! Todos eles, com o favor de Deus, vivos e saós. Dissêmos quatrocentos ou quinhentos, avaliando por alto, porquanto a lista de nomes que se remete à posteridade é longa e não encoraja muito à contagem. Seriam um milheiro, talvez.

Sim. Outros tempos, outros costumes. Em a época na qual coincidiu publicar-se diariamente nesta "Princesa D'Oeste" o "Correio de Campinas", o "Comércio", "Cidade de Campinas", e o novíssimo "Diário do Povo", a soma de gazeteiros por estas bandas não atingiria a casa dos trinta. Mas isto, convém assinalar, foi em a década 1910-1920. Desd'á, progredimos muito!

Definitivamente encerrada, com a moderna imprensa, a atividade romântica e gazetismo épico de nossos jornais, mesmo assim nus quantos gestos de puro romantismo acontecem por aí, com este ou aquele homem de jornal, gestos que dariam assumos a coloridas crônicas literárias. Para dizer só dos mortos, lembramos, entre alguns, o caso de José Dias Leme, quando convidado para redator-chefe do "Correio Popular", em o ano de 1946. Jornalista literato, à antiga, que passara pela chefia da segunda "Gazeta de Campinas", o amigo Juca, fino cronista, poeta delicado, todo êle sensibilidade para as artes e coisas da tradição, aceitara o convite que lhe fizeram, para dirigir o "Correio", inarcando dia e hora para assumir o cargo.

Chega o dia de véspera. Em visita ao jornal, certamente para os preparativos de posse de suas funções, inicia o bom Juca Leme conversa com um dos diretores da empresa jornalística. Indaga da coluna de noticiário de falecimentos. Quer saber o porque de os necrológios passarem todos pela gerência. Informado de que tais notícias eram págas, o Juca estranha e protesta. Aquilo não podia ser. Cobrar notícia de falecimentos? Com êle, José Dias Leme, à frente da redação do jornal, não se cobraría mais o necrológio. O diretor, mui delicadamente, fez ver ao Juca que êle pretendia invadir seara alheia, interferindo na parte econômica do jornal, quando o seu cargo seria o de redator. Teima daqui, turra dali, e o resultado foi renunciar o Juca o cargo de redator-chefe do "Correio Popular", que nem ao menos houvera assumido.

Romantismo puro, o do saudoso José Dias Leme, é anacrônico para a época.

Lembramos, ainda, do caso de Benedito Florêncio, acontecido no "Diário do Povo". Cronista durante longos anos da secção "Tome Nota", que lhe confiaram, o Florêncio era vivo e gaite, em seus escritos, usando de sal grosso e pimenta em os comentários de fatos do dia. Popularizado como poucos, devido ao "Tome Nota", mal deixava transparecer o que lhe ia de sentimentos mais elevados, no íntimo supunham-no, geralmente, boêmio incorrigível, capaz de tãdas as troças, metido em tãdas as pã-

degas e até malandragens. O coração de Benedito Florêncio unicamente revelava derramada ternura, quando discursava eie aos homens de sua raça, aos pretos. Ai, aos arroubos da eloquência, a voz se lhe esganava e os olhos se lhe tornavam rasos de pranto... Era, então, o tribuno e pai-dão de todos os negros, seus irmãos!

Gravemente enfermo, o Florêncio, lá em São Paulo, rodeado dos carinhos do único filho e velha esposa, presenciou que ia morrer, que não tardaria muito em fechar os olhos para o mundo. E lembrou-se do "Diário do Povo", jornal que lhe fôra mais que simples campo de atividades literárias, em anos acumulados, que lhe fôra como uma religião, a segunda família, o seu teto de mais noites dormidas, porquanto Florêncio, gazeteiro boêmio, tinha arrumado o seu catre desde há muito ao pé da máquina impressora do "Diário".

O enfermo, se arrastando como pôde, fugiu dos seus, ganhou a estação e tomou passagem para Campinas. Embrulhado em cobertor, foi deitar-se na dura e pobre cama ao pé da impressora do jornal. "Era seu supremo desejo, o morrer ali!"

Dias depois, o filho, reconduziu Florêncio a São Paulo, quase à força. Não durou semanas...

Coisas românticas, doridamente românticas, de passados gazeteiros desta velha Campinas.

Testemunhos vivos, dessa imprensa de ontem, seus líderes, aí estão: o venerando Antonio Franco Cardoso, diretor-fundador do "Diário", após estreito companheirismo com Barcelos. E o lema do velho Cardoso, quando diretor ativo de jornal, era o "meta o páu!" Um Tasso Magalhães, passado pela secretaria do "Diário do Povo", de Alvaro Ribeiro e Cardoso, e que posteriormente chefiou a redação do "Correio Popular" e fundou, com sacrifício das minguias econômicas, o seu próprio jornal "Jornal de Hoje", — folha que, por excesso de romantismo de idéias e crenças revolucionárias e pobreza de capital sonante, não vingou. Um Benedito Cavalcante Pinto, redator-chefe de lutas, em a segunda "Gazeta de Campinas", cujo empastelamento, em 1930, tentou impedir, êle so, frente à multidão politicamente fanatizada e êbria para a desordem. E êle, Cavalcante, peito à vela, sem armas outras que os próprios punhos, expôs-se inutilmente a um quase trucidamento, por amor ao jornal! Ai está o Sarmentinho, reporter desde o ano de 1910, memória viva para quantos fatos policiais se sucederem neste derradeiro meio século de nossa Campinas. Ai está o Carlos Alberto de Oliveira, reporter de tãdas as festas que se realizaram em quarenta anos, nesta "Princesa D'Oeste", e que como correspondente de "O Globo", do Rio, almeja a eternidade...

Companheiros vivos, da imprensa de outros tempos, a todos êles nós rendemos as nossas homenagens, neste complemento de festas centenárias do jornalismo campineiro, cujo romantismo anoticeu, morreu!